

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: \_\_\_\_\_

Class.: 02

Data: 21/10/65

Pg.: 04

— 4 —

21 DE OUTUBRO DE 1965

### MAXACALI

Carlos Drummond de ANDRADE

Nas aldeias da Água Boa de que nos fala Malcher, os índios finais de Minas preparam-se para morrer.

Ja prosseguir em verso de romance, mas reparo que este caso dos índios mineiros maxacali das cabeceiras do Rio Itanhen, bem nos limites com o Estado da Bahia, não está pedindo redondilha, está pedindo é sanitarista, dentista, enfermeira, assistente social, professorinha primária. Bem sei que esses índios estão "integrados", mas que quer dizer isso? Na lição de Darcy Ribeiro, Mário Ferreira Simões e José M. Gama Malcher, significa que sofreram toda sorte de compulsões e conseguiram sobreviver, ilhados na população nacional, com pouca diferença dos nossos caboclos, como eles servindo de reserva de mão-de-obra ou produzindo algum vago artigo para comércio.

O "integrado", se o despojam de sua terra, sai perambulando por aí, escorraçado em toda parte (Cito publicação oficial, do Conselho Nacional de Proteção aos Índios). E', como se vê, uma integração "sui-generis", que melhor se chamaria desintegração. A menos que a consideremos como integração às doenças urbanas. Como em outras regiões do País onde os índios ainda insistem em viver, elas vão de passeio ao pobre reduto dos maxacali mineiros e lá se empenham em exterminá-los, oferecendo-lhes a suprema integração na morte.

Com o propósito de salvar os maxacali, formou-se uma comissão presidida pelo general comandante da ID-4, que dirige nesse sentido um "apelo às pessoas de boa vontade". Quando ouço apelos dessa natureza, sinto que as coisas vão mal: as pessoas de boa vontade só se convocam para casos desesperados, quando as pessoas de má

vontade ou de vontade indefinida deixaram tudo a perder, por ação ou omissão.

Não é pela vaidade romântica de preservar os derradeiros índios do antigo território índio que depois veio a chamar-se Minas Gerais, que registro aqui o apelo. Estamos a cem anos de "Iracema" e a mais de século e meio de "Atala". Se protegidos e assistidos, os maxacali serão no máximo uma curiosidade turística inferior a outras de que o governo de Minas pode tirar boa renda. Não valem a gruta de Maquiné. Não valem as igrejas do ciclo do ouro, o Aleijadinho e o Ataíde. Defender a vida desses homens nada acrescenta ao lirismo nacional, que se volta para o trabalhador injustiçado no campo sem indagar se ele é negro, mulato, índio, mameluco ou curiboca. Também não chegará a influir no desenvolvimento setorial da produtividade agrícola, como se diz no jargão de hoje. E' mesmo ato de pura

boa vontade, ação de almas benfazejas, sentimento de pena pelo nosso semelhante abandonado na rua — ou no mato. Maxacali? Gente. Já não se trata de dever social ou interesse econômico; tratar-se-á (talvez) de remorso pelo que constitui a grande culpa nacional na questão índia. E, sublimando esse remorso, boa vontade.

A existência do Serviço de Proteção aos Índios, no Ministério da Agricultura não impede que os índios maxacali estejam acabando à mingua de proteção efetiva. Funciona junto a eles o Posto Mariano de Oliveira, mas sua funcionalidade é tão precária que foi preciso a iniciativa privada organizar-se em comissão sob a égide de um general comandante de infantaria para sensibilizar a boa vontade dos cidadãos em favor desses integrados. Assim como a Legião da Boa Vontade se devota a servir sopa aos pobres, vamos levar vitamina e vacina aos maxacali do Norte mineiro.